

Cuidados, bem-estar animal e técnicas de enriquecimento: relações entre humanos e animais em um zoológico na Amazônia¹

Matheus Henrique Pereira da Silva

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA

matheusk11@hotmail.com

Resumo

A partir de uma etnografia realizada no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi acerca das relações entre humanos e animais, problematizo o manejo e as práticas conservacionistas dos profissionais da fauna (biólogos, médicos veterinários e tratadores) em relação à coleção natural do local. Dessa maneira, abordo a rotina de cuidados realizados nos “bastidores” do zoológico – as distintas instalações relacionadas ao manejo das espécies –, bem como as técnicas de enriquecimento alimentar e ambiental que são realizadas com o intuito de propiciar o bem-estar dos animais, que estão sujeitos a frequentes estresses e outros problemas. Com isso, pontuo a emergência de um conjunto de práticas, técnicas e conceitos heterogêneos intrinsecamente relacionados à conservação da biodiversidade em meio urbano no zoo.

Palavras-chaves: Cuidados; bem-estar animal; zoológico; Amazônia.

1 A etnografia foi realizada durante o curso de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (2018-2020) e orientada pelo prof. Dr. Flávio da Silveira, a quem sou grato (Pereira da Silva 2020). Agradeço também os tratadores e profissionais do Museu Paraense Emílio Goeldi, os pareceristas da R@u pelos comentários e sugestões, e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento imprescindível para a pesquisa.

Abstract

Based on an ethnography conducted in the Zoobotanical Park of the Museu Paraense Emílio Goeldi about the relations between humans and animals, I question the management and conservation practices of fauna professionals (biologists, veterinarians and zookeepers) in relation to the natural collection of the site. Thus, I approach the routine care performed in the “backstage” of the zoo – the different facilities related to the management of species – as well as the techniques of nutritional and environmental enrichment that are performed in order to provide the animal welfare, because animals are subject to frequent stress and other problems. With this, I focus on the emergence of a set of practices, techniques and heterogeneous concepts intrinsically related to biodiversity conservation in the urban environment in the zoo.

Keywords: Care; animal welfare; zoo; Amazon.

“Vou cuidar dos bichos na Quarentena”

Como havia combinado anteriormente, encontraria o tratador Éder, que estava cobrindo as férias de Nazareno. Por volta das 07h30min da manhã cheguei ao Parque e encontrei o profissional prestes a iniciar suas atividades. Estava parado em frente à sala dos tratadores, que fica ao lado da área da Quarentena, que irei detalhar adiante. Mesmo de longe, era possível ouvir o chamado de todas as aves, que cedo iniciam sua movimentação em seus recintos e aguardam a alimentação. Éder checava as chaves da sala, quando me viu à distância e aguardou. Imediatamente nos cumprimentamos e Éder disse que iria “cuidar dos bichos que estão na Quarentena”.

A Quarentena é a sala destinada ao isolamento provisório de novos animais que chegam ao Parque, ou que estão com problemas de saúde. Os animais passam por um processo de adaptação e de recuperação, permanecendo em estado de observação contínua por um determinado período. O local é munido de equipamentos e instalações que atendem às necessidades das espécies alojadas, como gaiolas e boxes, onde são realizados os manejos inerentes ao processo de quarentena: transporte, contenção, adaptação à nova dieta, vacinação e administração de medicamentos, observação dos animais, entre outros. Os profissionais também recebem instruções de não circularem muito pelo espaço, a fim de evitar a disseminação de patógenos.

Éder foi em direção às gaiolas e boxes cobertos por panos. As aves logo perceberam a presença humana na sala emitindo diversos sons tão logo entramos. O tratador disse que

primeiro estava “checando todos os animais, pra ver se estava tudo bem com eles”, e que fazia isso todos os dias ao chegar. Olhou cada animal em sua gaiola atentamente, sempre interagindo e se comunicando; as aves respondiam bastante alto, principalmente uma ararajuba e um periquito que lá estavam. O profissional olhava os jornais que forravam o chão da gaiola, as fezes, ou se havia algo mais que informasse sobre a saúde animal, como ferimentos nos corpos ou penas caídas, no caso das aves.

Após verificar todas as gaiolas, o tratador começou a retirar e colocar algumas em frente à sala para “pegar sol e ar fresco, porque faz bem pra recuperação delas”. “Aí, a primeira coisa é trocar todos os jornais dos animais que ficam aí fora. Aí trocou jornal, colocou água, aí põe eles aí pra fora pra pegar sol.”. Estávamos bem próximos a um papagaio enquanto Éder abria sua gaiola e trocava os jornais que cobriam o chão. O papagaio não parava de “cantar” e se aproximava do tratador brincando com ele. “Ela gosta de tá na sacanagem, de tá brincando.”. Enquanto ríamos com a situação, perguntei: “Ela tem um nome?”. O tratador respondeu “Não, ela é do Parque”, o que caracterizava um animal que vive com diversos outros seres da mesma espécie em um recinto e isso dificultaria a nomenclatura² dos indivíduos.

Em seguida, enquanto iniciava a limpeza do local e as gaiolas, perguntei sobre a importância e o papel da observação para a realização do manejo do local. O tratador contou:

Geralmente quem trabalha na Quarentena tem que ser um bom observador. Primeiro porque geralmente os bichos que chegam pra cá vêm de doação, chegam machucados, aí vai ter que se adaptar, conhecer o animal, saber qual a reação dele, se é agressivo, se é um bicho domesticado. Têm vários bichos aí, tem uns que vêm com fratura... Geralmente é assim. De manhã eu tenho que observar todos os bichos da minha área. Observar a reação, se tá melhor, se tá comendo. Esses aqui são dois periquitos que estão com

2 A escolha dos nomes é muito interessante, especialmente os nomes “exóticos” que parecem vincular o animal à cultura dos humanos de sua região de origem. Mullan e Marvin (1998: 10) apontam para três tipos de nomenclaturas animais nos zoológicos, visto que elaboram uma individualização animal: 1) Os nomes científicos escritos em latim, baseados em classificações taxonômicas internacionais usadas para a identificação do indivíduo enquanto espécie. Tais classificações, no entanto, são referentes a uma cultura científica ocidental vinculada historicamente ao trabalho técnico dos museus, ou seja, um arranjo cultural particular que tende a/intenta suplantam classificações locais e evocam uma autoridade do latim como uma língua a ser ensinada; 2) Nomes populares, aqueles que são conhecidos pelas pessoas em geral, para além da classificação taxonômica, como tartaruga-da-Amazônia (*Podocnemis expansa*), ararajuba (*Guaruba guarouba*), ou ariranha (*Pteronura brasiliensis*). Muitas vezes se referem a nomenclaturas locais; e 3) Nomes individuais, ou, como trato aqui, nomes pessoais. São nomeados alguns animais, sobretudo cativos que podem ser animais carismáticos ou não. Os nomes são atribuídos pelos profissionais do zoológico e, vez ou outra, podem não ser reconhecidos pelo grande público em geral. Em outro artigo explanarei melhor a questão da nomenclatura animal em zoológicos.

asas quebradas. Um tá se recuperando aqui e o outro ali [gaiola]. Mas eles comeram bem, olha!

O tratador apontou para as vasilhas que não continham restos de comida. Sob os papéis havia fezes dentro dos padrões do animal. No outro canto da sala havia uma ararinha-verde (*Ara severa*)³ que se agitava bastante, tentando se comunicar e chamar a atenção do tratador, que foi em sua direção. O boxe da ave ficava ao lado de um tucano, também em estado de observação. Éder abriu a grade e a ave imediatamente foi em sua direção, subindo para o alto do gradeado, vocalizando e olhando nos olhos. Neste momento, o tratador falou sobre o seu comportamento, os motivos de sua estada no local e, por fim, comparou com as aves da mesma espécie em cativeiro no Parque:

Essa ararinha é domesticada, a gente tá avaliando ela pra ver se ela vai se acostumar em recinto. Acho bem difícil porque o dono dela domesticou muito ela. Ela não é agressiva é tranquila. Aquelas do parque quando tu entrar no recinto elas vem pra cima de ti.

Em seguida, realizou o mesmo procedimento no boxe do tucano (*Ramphatus tucanus*), deixando a ararinha livre. As aves não se importaram tanto comigo, estando sempre mais voltadas ao profissional. Elas observavam atentamente os seus movimentos, durante a retirada dos jornais e a limpeza com um pano molhado.

Em outro canto da sala havia uma gaiola coberta com um pano; então perguntei qual animal estava no local:

- Isso, aí esse que tá coberto é uma ararajuba. Ela tá se depenando todinha. Ela é um psitacídeo e foi domesticada. A Tathi recomendou a gente interagir bastante com ela. Ela é mansa. Aí a gente tem que motivar ela pra ela voltar ao estilo dela normal. Ela tá se mutilando, basicamente. Olha como está. Isso é estresse. A gente tem que dar um pouco mais de atenção pra ela. Tem que observar melhor ela. Tem que conversar com ela... O bicho é assim, a gente precisa dialogar com o bicho, também. Mostrar confiança, mostrar que tem o tato pra cuidar.

- Já teve alguma vez em que alguma dessas aves te atacou?

- Aqui não. É aquilo, costume da gente também. Eu não chegar de primeira,

3 A taxonomia das espécies aqui citadas está de acordo com o inventário faunístico do Parque Zoobotânico realizado no ano de 2019.

colocar meu dedo aqui. Tem que ver o comportamento do bicho. Observar o comportamento do bicho. Se ele não é agressivo, então tá de boa. Tu não pode chegar de primeira com bicho nenhum. Se tu chegar de primeira vai só dever... Não sabe o comportamento do bicho. Às vezes, o bicho é domesticado e é cuidado de uma forma, aí aqui é cuidado de outra forma. Tem tudo isso. Um bicho desse, domesticado, até a alimentação dele é diferente daqui. Quando ele chega aqui tem que controlar a alimentação dele, se tu for colocar logo de primeira ele não vai comer. Esse bicho aí não é da nossa região, é do Sertão. Acho que o cara só dava mamão pra ele. Aí a gente foi colocando aos poucos, misturando com uma raçãozinha. Tem toda uma alimentação diferente. Por exemplo, ela aqui era só girassol, castanha... Aí começamos a misturar com frutas, o bicho não comeu direito. Tá se adaptando. Agora que começou, vai fazer meses aqui. Por isso existe a Quarentena, com esse processo de adaptação do animal em recinto, se for pra ficar, ser solto... Tem bicho que fica aqui, não tem como voltar pro ambiente natural. E, ao ficar muito tempo aqui, comigo perturbando, ele vai ficar estressado. Se colocar ele no novo recinto não vai se adaptar e vai estressar. Olha, se soltar ele, ele não voa. Se for soltar um bicho desse não vai ter como [ele sobreviver em ambiente natural]. Esse aqui é novato, olha! Eu tento me aproximar dele, ele fica desconfiado, olha, mas não vou de primeira... Vem cá, vem cá [chamou o animal]. Vou dando confiança pro bicho, trabalhando com cuidado pra não estressar ele. Se eu for pegar ele, ele vai se estressar.

Os cuidados do tratador envolvem o tato e a percepção dos profissionais para se aproximarem dos animais e, a partir daí, estabelecerem as relações para o manejo. É necessário conhecer os animais por meio da observação de seus comportamentos para se aproximarem com confiança e estabelecer “diálogos” interespecíficos, ao passo que “trabalham com cuidado” para não “estressar” os animais. O estresse é uma vertente fundamental para os cuidados e é expresso, sobretudo, em seus comportamentos e movimentos. Além disso, se constitui como uma resposta do organismo provocado pela alteração do ambiente, principalmente para espécies doadas.

Enquanto conversávamos, Éder abordava suas técnicas de contenção de uma ave quando necessário, objetivando “fazer um medicamento”. Nesse momento, o tratador foi se aproximando e a ararajuba o olhava atentamente, pois manejava um pano, o que, segundo o profissional, indica para as aves a possibilidade de captura por algum humano.

Olha como o bicho é desconfiado, assim como ele tá, eu também tô. O sistema aqui é não estressar o animal. Mostra confiança para o animal pra ele poder confiar em ti. Todo tratador tem um jeito de pegar o animal. Um animal desse aqui eu não vou pegar com um puçá. Para não estressar um

animal como esse aqui, eu vou pegar um pano e jogar por cima da cabeça. Vou recolher as asas dele pra ele não se bater e pegar as patas se for pra fazer um medicamento. Eu vou pegar um aqui pra ti ver. Geralmente, a veterinária, quando quer fazer o medicamento, ela aplica na parte do peito, onde tem a massa, não dar pra fazer no braço. Marca. Um bicho como um tamanduá, aí já tem que usar o puçá, aí o bicho fica mais estressado, fica mais agressivo. Geralmente os bichos que eu já conheço eu só coloca a luva, não uso nem pano. Se for um bicho grande como uma arara, esse aqui, aí tem que tirar esses paus, a alimentação todinha. Jogou um pano em uma arara vai ter que forçar a cabeça dela pra baixo, porque ela é mais ágil que um bicho desse aqui, e tem mais possibilidade de virar e te pegar de jeito, entendeu!? Joga primeiro o pano pra cobrir a visão dela, pra não enxergar o que eu tô fazendo, depois tenta bloquear as garras dela que ferem. No tucano, tem que pegar logo o bico dele. Primeira coisa dá logo aqui. Porque se for pra enrolar, pegar aqui, pegar aqui, ele vai te bicar todinho. Ele é bravo. Um animal desse aqui geralmente ele bica no olho. Porque teu olho brilha onde é o foco dele. Aí quando eu termino aqui, eu ponho o bicho pra fora, aí dou uma organizada em tudo aqui. Geralmente a gente usa jornal, que é mais fácil de trabalhar. Aí dou varrida, passo um pano molhado. Cada tratador com a experiência com os animais da sua área.

A contenção do animal exige a experiência cotidiana para decidir como fazer o trabalho, garantindo que seu sofrimento seja mínimo, necessário e consequente. Em outras palavras, a atenção e o cuidado estão entrelaçados junto à responsabilidade de garantir que o indivíduo se recupere através do auxílio das interações e técnicas de manejo conservacionistas.

Proporcionar boas condições para que os animais⁴ se desenvolvam e tenham uma “boa vida” no zoo é o objetivo principal que norteia as práticas da Equipe da Fauna (tratadores, biólogos e veterinários). Os cuidados estão diretamente relacionados ao bem-estar animal, uma categoria central para se pensar a ética do manejo e a sustentabilidade e conservação *ex situ* (fora do ambiente de origem) das populações no Parque. Essa variedade de estratégias de manejo e controle serve tanto para “melhorar” a sustentabilidade quanto para criar populações saudáveis para possíveis “reintroduções” em outros locais.

Meu objetivo neste artigo é examinar como se constituem os cuidados e técnicas através das quais as espécies são manejadas, atentando para a emergência e condições do bem-estar animal no Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi. Dessa maneira,

4 A coleção natural atualmente é formada por animais vítimas do desmatamento e do tráfico ilegal, trazidos por órgãos ambientais como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) ou o Batalhão de Polícia Ambiental (BPA).

abordo os cuidados rotineiros realizados nos “bastidores” do zoológico, nas distintas instalações relacionadas às espécies, a partir do manejo da Equipe da Fauna do local (biólogos, médicos veterinários e tratadores), bem como as técnicas de enriquecimento alimentar e ambiental que são realizadas com o intuito de propiciar melhor qualidade de vida às espécies sujeitas a frequentes estresses no local. Com isso, pontuo a emergência de um conjunto de práticas, técnicas e conceitos heterogêneos intrinsecamente relacionados à conservação da biodiversidade em meio urbano e ao bem-estar da vida animal.

Dimensões relacionais dos cuidados com a fauna

Próximo à Quarentena, e em frente às instalações da Cozinha e do Ambulatório, localizam-se as instalações do Ratário e o Setor Extra, uma em anexo a outra. O Ratário é uma pequena sala em que ficam centenas de ratos e camundongos em gaiolas, mantidos com a finalidade de alimentação para algumas espécies e para estímulo perceptivo relacionado a técnicas de enriquecimento da vida animal.

Acompanhei o tratador Rincón enquanto limpava rapidamente o Ratário para receber novos indivíduos, pois os ratos e camundongos provinham do Instituto Evandro Chagas⁵. Fiquei na porta do local e Rincón me contou a função das espécies no zoo:

– É, a alimentação da coruja, gavião, urubu... Algum bicho que precisa ser tratado com medicamento e é carnívoro já pode colocar dentro do rato, ali os furões, a gente pega lá no Evandro Chagas toda terça-feira, aí fica aqui, toda terça tem que renovar. Toda terça-feira. Chega o dia da comida, claro que tá presa, é duas coisas que ele quer comer e beber água. O destino dele é só morte, o bichinho passa duas semanas, mas tá aí, né, não por causa disso que vão ficar passando sede e fome. Aí tem que ter todo esse cuidado, o tratador do rato também.

O tratador ressaltou que, mesmo diante da iminente finitude de suas vidas, os animais merecem todos os cuidados no local, incluindo parâmetros éticos em suas relações e manejo, visto que as espécies têm uma relação instrumental na ecologia do zoológico,

5 O Instituto Evandro Chagas é um órgão vinculado à Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS), e atua nas áreas de pesquisas biomédicas e na prestação de serviços em saúde pública. As pesquisas são referências nas áreas de Ciências Biológicas, Meio Ambiente e Medicina Tropical na Amazônia (<https://web.archive.org/web/20171228004004/http://www.iec.gov.br/portal/apresentacao/>).

sendo a sua função servir de alimento para outras. No dia, o tratador os recebeu junto a Éder, que tinha ido buscar os animais que chegavam em caixas e eram colocados em meio aos demais no local, em pequenas gaiolas com um pouco de serragem apropriada. Enquanto fazia o manejo, três garças-brancas-grandes estavam nas proximidades observando os animais.

As aves estão habituadas a receber os camundongos dos tratadores. Rincón pegou três indivíduos, um por um pelo rabo, e os bateu contra parede e jogou em direção às garças que seguiram ávidas atrás dos roedores, totalmente atordoados. O tratador me disse que fazia isso para possibilitar controle por parte do predador, para que não deixasse escapar pelo Parque.

O cuidado de várias espécies implica a morte de outras enquanto alimentação para as mesmas. Presas vivas são oferecidas aos animais para estimular seus comportamentos de caça, entre outras ações que seriam “naturais” para a espécie em questão. Essa característica no meio conservacionista, de oferecer animais vivos para alimentação de outras espécies, se relaciona com o que Thom van Dooren (2015: 9) caracterizou como um cuidado-violento da conservação. Na medida em que, ao longo do dia, alguns animais são cuidados (especialmente aqueles em perigo de extinção), outros são capturados e mortos como parte do gerenciamento da conservação.

Estas dimensões do cuidado implicam a seleção de mundos e espécies que podem proliferar, um modo de operar sobre a diversidade biológica, direcionando-a rumo aos padrões de sustentabilidade da vida animal no zoo.

O Setor Extra se localiza em frente à cozinha. A área destina-se a manter os animais que estejam excedentes no plantel, ou que necessitem de atenção especial temporariamente (para fins de reprodução ou necessidades específicas de ordem física e psíquica). Os recintos devem obedecer às mesmas normas de espaço, segurança e ambientação que aqueles de exposição possuem, de acordo com a espécie, com sistemas de abastecimento de água, comedouros, galhos, pneus e outras estruturas que permitam sua locomoção pelos espaços. São cinco boxes numerados em ordem crescente para abrigar as espécies.

Em um dos dias em que acompanhei o tratador Rincón, responsável pelo trato direto com as espécies, observei, desde sua chegada, os procedimentos padrões de observação dos animais realizada pelos tratadores. O profissional foi, boxe a boxe, observar os animais,

como se encontravam, se estavam vivos, atentando também para fezes e restos de comida, bem como para qualquer comportamento fora do padrão. Em seguida, iniciou a limpeza de cada boxe para que a alimentação que estava sendo preparada na cozinha fosse servida.

O primeiro boxe estava vazio e limpo, de forma que o tratador passou para o segundo, onde havia uma arara-vermelha. Já tinha visto o animal em outros dias em interação com Rincón, o que indicava que a ave permanecia no local há bastante tempo (especulei pela proximidade e trato com a ave, visto que duas que vivem em vida livre no Parque mantêm um distanciamento físico quanto aos toques de tratadores e visitantes). O tratador adentrou o recinto comunicando-se com a ave: “Ei menina! Tá com fome?”. A arara, que parecia quieta, com a presença do tratador vocalizou intensamente. Observava tudo pelo lado de fora do boxe. Rincón limpou o tanque de água do animal com a vassoura e o encheu novamente com água. Nesse momento, Eduardo já havia iniciado a distribuição dos alimentos e chegou ao local portando a bandeja com frutas e ração. Os tratadores se falaram brevemente, e Eduardo seguiu. Em meio a todas essas ações, havia notado que a pequena sala estava com a porta parcialmente aberta, o que gerou uma curiosidade, visto que a fuga de animais é algo que ocorre com certa frequência em diversos zoológicos:

– Não tem risco de sair?

– Tem, mas é tranquilo esse [bicho]. A gente já conhece a ação dele. Ele vai atrás da comida primeiro.

– Tá doente de alguma coisa?

– Não, não, é porque lá [recinto] é difícil dela viver, porque ela já é muito humanizada, ela. Mas ela tá bem, não tem condições de ir pra vida livre. Acho que depende da gente aqui, talvez ela não tenha aquela habilidade de encontrar comida, mas antes ficar aí do que ir pra natureza e morrer, sem saber caçar, procurar comida. Ela veio de apreensão, uma senhora há 40 anos...

– Há 40 anos?

– Há 40 anos com essa senhora, aí por denúncia o IBAMA foi e fez a apreensão dela e trouxe pra cá. Ela é totalmente humanizada esse animal aí. Aí é outro que não tem condições de viver lá de forma livre. Ela depende muito do ser humano pra sobreviver.

O tratador narrou um pouco sobre a história de vida da arara e suas dificuldades quanto a ser integrada em um recinto da espécie no Parque para visitação. A humanização, em seus aspectos negativos, implica em um déficit nas habilidades da espécie em meio

“natural” quanto à caça ou fuga de predadores, e é um dos fatores sempre lembrados quando mencionam a impossibilidade de reintrodução dos animais na natureza.

Após terminar a limpeza o tratador vistoriou todo o boxe e partiu em direção ao terceiro. No local havia dois macacos-de-cheiro (*Saimiris scireus*), um estava em sua pequena rede e outro em um tronco olhando atentamente para o tratador. Rincón brincou fingindo tocar nos animais. Nesse momento, chegou ao local Adônis, uma bióloga, trazendo dois cocos recheados com frutas e outros alimentos para os animais. A programação fazia parte das atividades de enriquecimento alimentar para primatas no dia, e o coco estimularia a curiosidade dos animais, que teriam que abri-lo para que pudessem pegar a comida. O coco verde estava cortado de modo que se tornasse viável a atividade para os animais, porém contendo as dificuldades estimuladoras de suas curiosidades.

Adônis nos cumprimentou e entregou os cocos para que Rincón os servisse para os animais. O tratador limpou rapidamente o recinto e colocou os cocos, saindo em seguida do local. Ficamos observando os animais, que não paravam de nos olhar e olhar para os cocos, mas desceram de suas redes após a agitação inicial e foram diretos aos frutos. Um dos bichos ficou em cima de um coco olhando para o buraco em que teria que colocar sua mão e puxar. Hesitou, olhou para nós e, finalmente, colocou seu braço.

No quarto boxe havia duas ararajubas e um periquito do mangue que tinham sido retirados do viveiro em que habitam devido ao estresse sofrido, o que ocasionou automutilação dos animais. As aves, como é habitual no Parque, pela manhã emitiam vários sons agudos que eram interpretados pelos profissionais como um chamado para que fossem servidos seus alimentos.

O tratador tomou os respectivos cuidados em não importunar ainda mais os animais com a sua presença, realizando o serviço de limpeza e alimentação rapidamente. Os animais observavam e emitiam sons altíssimos. Por fim, o manejo realizado neste setor é fundamental para a reabilitação e existência das espécies, como me disse Rincón. Os indivíduos precisam de cuidado e manutenção diária de suas instalações para que habitem o local durante um período curto e sejam encaminhados para os devidos locais de acordo com o manejo a ser realizado.

Os bichos-preguiça do Museu recebem cuidados especiais, tendo uma sala conhecida como “Preguiçário”, ou Berçário, voltada ao tratamento dos indivíduos das espécies e, sobretudo, seus filhotes. A sala fica no mesmo bloco em que ficam o Ratário e o Setor

Extra, situada em anexo a essas duas salas. O local é climatizado, para que se mantenha a temperatura ideal à espécie, e totalmente higienizado, de maneira que é comum que só entre na sala um tratador ou veterinário responsável por fazer algum tipo de medicação, a fim de evitar a disseminação de sujeira e patógenos.

Uma das funções do Berçário é abrigar os filhotes de preguiça, porque a população da espécie demanda atenção contínua e práticas de cuidado prolongadas, que envolvem técnicas, afetividades e apego. Acompanhei a tratadora Francy e a veterinária Lete certo dia no local. Ao chegar, observei que havia três gaiolas na frente da sala com preguiças agarradas em ursinhos de pelúcia e folhas no gradeado para a sua alimentação. Francy explicou que o manejo era fundamental para os filhotes, que precisam ficar junto à mãe até pelo menos um ano e seriam muito apegados ao calor e interação com ela.

Ao entrar na sala, Francy pediu-me para que limpasse as solas dos sapatos e me movimentar pisando em um pano, pois naquele dia chovera e meus sapatos estavam enlameados. Lete explicou que trabalhava no Ambulatório junto com as outras veterinárias, mas que também ajudava no manejo dos bichos-preguiça junto a Francy. Enquanto isso, Francy alimentava um filhote, e Lete movimentava um filhote agarrado em um bicho de pelúcia. O animal estava sofrendo com o acúmulo de gases, o que seria um problema comum para a espécie. Primeiro, deixou o animal se movimentar um pouco no chão e depois o colocou em cima de uma mesa massageando seu corpo, em especial sua barriga. Neste momento Francy, que estava na sala, foi lá fora ver como estavam as preguiças nas gaiolas, aproveitando para trocar a água também.

Outra veterinária, chamada Lorena, chegou à sala para saber como estavam os animais. Então, saímos da sala, pois os animais precisariam descansar após a sessão de massagens e administração de remédios. Em frente à sala fiquei conversando com Lorena e Francy sobre o manejo da espécie. A tratadora continuava ajustando os animais em suas gaiolas e interagindo com eles, enquanto Lorena me contava sobre a rotina de tratamentos dos animais:

O tratamento que está sendo feito no dia, a gente tem o controle em fichas. A gente acompanha o que tá sendo feito. A gente pega e olha a ficha. Quem mais demanda atenção no momento são as preguicinhas, né? A Iza, que você viu com a Lete, ela tem problema, acumula muitos gases. É um problema que é característico das preguicinhas, né? Como ela é uma preguiça-real, a gente precisa montar um manejo alimentar pra ela durante quatro vezes ao dia, no horário certinho, e ainda fazer administração de remédios como Tixometicona pra eliminação dos gases, porque ela pode desenvolver problemas mais graves.

A veterinária ressaltou a demanda de atenção contínua para o cuidado com a vida animal:

O berçário demanda alimentação contínua. Dá alimento para os bebês, aí, depois coloca pra caminhar um pouquinho, a gente faz esse trabalho com as reais. As comuns, as menores, são mais tranquilas, elas ficam lá nos boxes delas, mas todo tempo tem que estar ali oferecendo uma folhinha, porque também são bebês, aí precisa desse acompanhamento.

Francy, que estava agachada em frente a uma das gaiolas, levantou-se, e aproveitei para perguntar sobre o cuidado com os filhotes que fazia parte da rotina de trabalho:

– Como é esse processo com esses filhotes? Eles vão se dando bem com a alimentação desde o começo, desde o nascimento, assim!?

– Nem sempre eles aceitam... a gente vai botando aos poucos com soja, com uma fruta, uma proteína, uma ração... aos poucos a gente não bota, assim, tudo de uma vez. A gente vai colocando aos poucos pra ela se adaptar. Até o leite, tem leite de soja, sem lactose também... Aqui tudo é devagarzinho... Mas algumas aceitam folha, outras não... A gente tá com três comuns e duas reais, uma aceita folha de cacau e outra aceita e não aceita de ubauba, aí tudo tem que... ir botando aos poucos pra elas se acostumando. Até se adaptar... Olha, essa alimentação dela é muito difícil chegar e elas comer lá, elas não tão comendo 100%. Mas elas já tão comendo bem melhor. Tão começando a ganhar peso, que elas não tavam... tá uma semana só ganhando peso...

– Eles sofrem muito nesse processo?

– Sim, porque eles tão acostumados com a mãe, elas dão o leite deles... Até eles se adaptarem com a alimentação, eles perdem peso... até a gente fica com medo, né...? Porque sofre bastante... Elas não conseguem defecar, começam a ficar com gases no estômago... Hoje ela tá bem, amanhã pode chegar e acabar... Cansou de acontecer dela tá bem e depois chegar lá e ela tá morta...

– Tem que fazer esse acompanhamento o dia todo...

– O dia inteiro... Tem, tem que dar água... Tem uma lá que tá três dias sem defecar, aí a gente já tá com medo de acontecer alguma coisa.

A tratadora enfatizou o quanto os cuidados são preciosos para a manutenção da vida animal: em um dia o animal poderia estar bem e no outro ser acometido de maneira

fatal por alguma doença ou algo do tipo; e acrescentou que sempre está preocupada com os animais, mesmo quando não está na área, seja por cobrir o setor de outro tratador devido à folga, seja por estar de férias: “Aí eu fico pensando, eu sei que eu sou acostumada a tá todo dia com essa, não sei se é isso que a gente vai sentindo falta... não sei se é coisa minha, que ela não tá feliz porque eu não tô lá. Aí eu tô agoniada com isso”.

A noção de cuidado emerge das práticas diárias dos profissionais do zoo, de modo que têm um papel fundamental, ambíguo e complexo, na preservação dos animais. Qual o sentido e articulação da noção de cuidado dentro das práticas de conservação do zoológico, do ponto de vista dos profissionais que cuidam de animais?

Os cuidados diários de tratadores, médicos veterinários e biólogos nas diversas instalações e manejos são pensados como um conjunto de práticas materialmente heterogêneas. Envolvem não apenas subjetividades humanas e animais, mas também instrumentos e tecnologias com outros elementos materiais, textos e inscrições (Law, 2010: 9) que organizam uma rotina de tratos e cuidados diários.

O cuidado depende não tanto de uma fórmula pronta e acabada, mas de um repertório que permite uma ação situada em suas atividades e manejos. Tais atividades são atos que fazem parte das suas obrigações práticas e éticas de mitigar o sofrimento dos animais no zoo e, sempre que possível, compartilhar as condições de trabalho, na medida em que suas práticas podem ser dolorosas e arriscadas para os animais e para si mesmos. Por isso, a noção de cuidado está implicada diretamente no trabalho dos profissionais ao voltarem suas atenções para garantir que o sofrimento seja mínimo, necessário e consequente ante seus manejos diários.

Os profissionais assumem os riscos de suas intervenções diretas e necessárias na vida animal quanto à saúde das espécies. Isso significa que os profissionais são responsáveis pelos cuidados com o outro, e as responsabilidades são modeladas em seus relacionamentos que, nesses termos, tratam-se de “ficar com o problema” da intervenção na vida e a conservação das espécies.

O cuidado é tomado, em suas práticas cotidianas, para a manutenção da vida animal em seu emaranhado ecológico que sustenta a vida no museu: práticas de alimentação, higienização de recintos e viveiros, observações e interações diversas. Uma variedade de ações necessárias para criar, manter juntas e sustentar a vida animal em sua diversidade.

Para Maria Puig de la Bellacasa (2010; 2012), o cuidado emerge como um engajamento com o mundo e pode ser pensado a partir de uma visão tríptica: 1) um estado afetivo, o que exige o envolvimento emocional com o outro; em outras palavras, ser afetado de alguma forma nas experiências diárias que faça com que modifique a forma de se importar com outro. 2) Como uma obrigação ética, ter cuidado é estar sujeito a outro, reconhecer uma obrigação de cuidar de outro. E, por fim, 3) um trabalho prático que requer o envolvimento de alguma forma concreta nos cuidados, ou seja, se envolver com os problemas de vidas interdependentes. Nesse sentido, o cuidado remete a uma forma de ética prática que incorpora as relações com o outro. As práticas de cuidado são em si relacionais.

O cuidado aparece como um fazer necessário para um relacionamento assimétrico, que atravessa as coleções naturais, e como uma obrigação criada pelos “futuros conjuntos necessários”, para usar uma expressão de Haraway (2008). As relações de “alteridade significativa” são mais do que acomodar a “diferença”, coexistindo ou tolerando. Segundo Haraway, pensar com os (neste caso, eminentemente, cuidar dos) não humanos é viver com consciência das relações perturbadoras e buscar uma alteridade significativa que transforme os envolvidos na relação e no mundo em que vivem.

“Meu trabalho é esse, deixar os bichos felizes!”: Técnicas de enriquecimento alimentar e ambiental

No Museu Paraense o trabalho de enriquecimento alimentar e ambiental é frequentemente desenvolvido pela bióloga e atualmente tratadora temporária, Adônis Martins. A bióloga, formada pela Universidade da Amazônia (2017), desenvolve o trabalho no Parque há pelo menos dois anos, sendo referenciado positivamente pelos profissionais ante sua contribuição para minimizar o estresse e proporcionar atividades aos animais.

Acompanhei a bióloga neste manejo técnico junto aos tratadores em diversas situações. Na primeira vez a encontrei em um dia pelo turno da tarde, quando pela manhã havia acompanhado as atividades dos tratadores e, à tarde, iria acompanhar, pela primeira vez, o manejo técnico de enriquecimento da vida animal, neste caso, o chamado enriquecimento alimentar.

Encontrei Adônis na sala das “Biovets” (Biólogas e veterinárias) e a segui até a cozinha. Lá a bióloga me explicou que realiza o trabalho de enriquecimento da vida animal semanalmente, e que ela determina em quais dias seriam realizados a partir dos comportamentos animais observados. Adônis me disse que o enriquecimento consiste em

“técnicas e manejo que estimulem o animal no ambiente. Para melhorar a vida deles aqui.” Ela ressaltou a importância das técnicas para minimizar os efeitos da vida cativa sobre o comportamento das espécies. Estávamos na cozinha e encontramos a bióloga Aline, que iria acompanhar Adônis e estava com cocos verdes nas mãos. Iriam fazer o enriquecimento para os pequenos primatas do parque.

O enriquecimento ambiental é uma ferramenta que descreve como os ambientes de animais em cativeiro podem ser alterados em benefício dos habitantes (Shepherdson 1998). As técnicas e o manejo visam a aperfeiçoar oportunidades que permitam a variação do comportamento animal no lugar, bem como abrir espaço para a mensuração do bem-estar, considerando os efeitos do ambiente em seu crescimento e desenvolvimento.

Aline pegou uma faca e abriu um buraco na parte superior onde seriam colocados os tenébrios, que são as larvas do *Tenebrio molitor*, conhecido popularmente como larva-de-farinha, um besouro de cor preta ou pardo-escuro, que constitui praga bastante comum. No Museu eles são criados para a alimentação de algumas espécies. Saímos da cozinha para irmos pegar as espécies no local de criação. As biólogas retiravam os tenébrios com uma pinça e os colocavam em um copo plástico. As larvas ficavam em uma caixa plástica. Enquanto isso, Adônis me explicava que as profissionais se dedicavam a observar o comportamento animal, que seria o principal meio de perceber as expressões emocionais dos animais. “A gente faz estudo do comportamento deles (animais) antes e depois do enriquecimento”, contou Adônis. Sobre o comportamento e o enriquecimento, mencionou o seguinte:

A gente vê antes, durante e depois do enriquecimento. Faz tipo um etograma. Os bichos que não têm necessidade a gente fazer isso, a gente só observa e anota. No caso das onças a gente faz etograma. Ariranha também. São os bichos mais estressados. Onça, ariranha e ararajuba. Pelo menos os daqui.

Voltamos para a cozinha, onde seriam colocados os tenébrios no coco. As profissionais pegaram três cocos e levamos até o recinto dos macacos. Chegando lá, Eduardo estava esperando. As profissionais entraram junto ao tratador na parte de trás do recinto, onde há uma antessala com gaiolas e ficam os pequenos primatas. As profissionais colocaram no chão os cocos e os animais se afastaram olhando atentamente. Elas entregaram outros dois cocos para os primatas maiores, os coatás-de-testa-branca. Porém, apenas Eduardo entrou no recinto, enquanto as biólogas saíram e ficaram ao meu

lado esperando o tratador.

Conversávamos e Adônis me contava que “não se pode fazer enriquecimento direto, todos os dias. Faço uma vez por semana.”. A bióloga explicou que isso iria habituá-los àquela situação e, logo, os condicionamentos não seriam estimulantes – “muitos têm memória seletiva como as ararajubas” e recordariam o contexto e situação. No contexto atual a bióloga disse que iria expandir o enriquecimento para todas espécies em cativeiro, e que todos necessitam desse bem-estar emocional em que as técnicas podem colaborar: “Até os jabutis gostam de agrado”. E completou: “meu trabalho é esse, deixar os bichos felizes!”.

Em outro dia, cheguei por volta das 14 horas da tarde, estava chovendo bastante como havia sido as últimas tardes do mês de dezembro, o início do inverno amazônico. Caminhei em direção ao setor da Fauna, e logo estava na sala das Biovets. De imediato, encontrei Adônis, que estava junto a Tatiana, Dylria e France. Estavam todas esperando que a chuva diminuísse sua intensidade para já retomarem as atividades. Adônis me disse que, como a cozinha estava em reforma, seria difícil preparar os alimentos de maneira adequada para o enriquecimento. E, com a sua volta ao parque com mais frequência (pois estava viajando, realizando cursos para o aprimoramento das técnicas na Floresta de Caxinauã), iria se empenhar ainda mais nesse tipo de manejo em que era especialista.

Após alguns minutos, ficamos na frente da sala pelo lado de fora conversando sobre seu trabalho, e iniciamos o diálogo com a questão do impacto do clima para as suas atividades. Em seguida, falamos sobre o estresse que os animais sofrem com os humanos no Parque:

- E como tá sendo trabalhar nesse período em que está chovendo bastante, isso atrapalha?

- Atrapalha bastante! Para os psitacídeos nem tanto, a gente já leva, deixa lá e eles brincam [...]. Aí a gente ou faz mais cedo ou não faz, tem que trocar o horário. Só que, como eles não comem de manhã, é difícil. Raramente eles comem cedo, só se for muito cedo, antes da chuva. Aí tem que ser muito cedo e muito rápido. Aí o enriquecimento tem que ser bem bolado, antes da chuva.

Na Amazônia, como é sabido, não há estações bem definidas e sim dois períodos, o verão e o inverno amazônicos. Além de o regime pluviométrico alterar os horários da alimentação, o enriquecimento também é alterado, ocorrendo sempre no horário matutino que é menos propício à chuva. Em seguida, Adônis colocou outro problema:

Para os pássaros, faz, alguns se estressam mais, aí tem que fazer mais brinquedos, servir uma alimentação diferente. O problema de a gente fazer isso é que eles ficam muito humanizados, aí a gente não pode deixar isso acontecer porque a gente tem que reintroduzir eles de volta na natureza. Eles não podem estar humanizados, aí eles podem morrer porque eles não vão saber se virar sozinhos. Porque, aí tem comida fácil toda vez. Aí, com o enriquecimento a gente dificulta o acesso à comida, para eles agirem como se estivessem na natureza. Por exemplo, o tucano, ele é um dos bichos mais estressados que tem. Eu pego as frutas, claro que ele não vai ter uma vassoura de açaí, mas eu simulo como se fosse isso. Eu pego a própria tala de açaí, tiro e pego os caroços de açaí. Aí a gente bate e bate. Aí ele engole o caroço. Ele consegue tirar só aquela casquinha. Como a gente come, só que ele vai batendo e vai descolando. Quando eu não tenho açaí eu pego um pedacinho de fruta e enfio em um talo com uma vassoura, e praticamente coloco várias frutinhas, assim. Aí ele vai tirando. É difícil ele tirar porque vai balançando, aí fica bem parecido, como se ele estivesse tirando de uma árvore. Aí pra eles é um diferencial enorme porque eles só comem na vasilha, tá ali, tá cortadinho, tá pronto.

As práticas de manejo diário, como alimentação e higienização, estão implicadas em um processo de humanização, como coloca Adônis, por isso as técnicas se justificariam para estimular o comportamento natural das espécies, instintos de busca no caso dos alimentos, na medida em que é dificultado o acesso a estes itens. Cada animal tem o manejo apropriado para sua espécie, suas condições no recinto e, com isso, níveis de estresse.

A bióloga realiza a confecção e manejo do material como foi descrito, com a ajuda dos tratadores que acompanham a profissional ou instalam os materiais no recinto. As técnicas de enriquecimento ambiental são estratégias constantes para garantir o bem-estar animal no parque. Elas proporcionam aos animais a quebra da rotina diária, além de melhorar as suas condições físicas e psicológicas.

Neste caso, o objetivo do enriquecimento é dificultar o acesso do animal a um tipo de recompensa. As estratégias empregadas para promover “as brincadeiras” no ambiente dos animais consideram as peculiaridades dos bichos. Diferentes técnicas e equipamentos são adequados a cada grupo para se obter os efeitos desejados. Alimentos e odores

diferenciados são os principais agentes motivadores. Para as onças-pintadas são criados platôs móveis onde um animal deve se equilibrar para alcançar um pedaço de carne, que também pode ser oferecido incrustado em gelo.

Pra onça eu sempre simulo os animais como se ela estivesse na natureza mesmo. Eu mudo o espaço físico dela, coloco folhas, como se fosse uma mini-floresta. Aí eu faço animais de papel. Aí ela entende, aí eu vejo o comportamento dela, como seria se ela estivesse na natureza, aí ela ataca direitinho, onde deveria atacar, no pescoço. Por exemplo, o leão na savana ataca aqui atrás, aí ele vira o bicho. Quando, não, ele vai direto no pescoço. A onça vai direto no pescoço, só que ela vai por cima da presa, ela não consegue virar ele, porque ela é mais leve né, aí dependendo do tamanho do bicho ela consegue virar. Ela nunca viu alguns bichos porque ela veio pra cá pequeninha, só que o comportamento dela é bem silvestre, como uma onça do mato mesmo. Já o Guma, não, pode fazer o que for que ele ainda vai fazer amizade com o bicho, ele é muito humanizado. Com ele faço mais enriquecimento voltado pro estímulo físico, exercício físico. Mas, mesmo assim, ainda é difícil porque, às vezes, ele não quer fazer nada, ele não quer ter trabalho. Se tiver muito trabalho ele fica com fome, mas não come. Aí eu tento pouca coisa com ele. Um elástico preso à carne. Aí, só o fato de ele estar puxando já exercita essa parte aqui. Aí com ela, quando tem corda eu faço um balanço e coloco a carne em cima, aí já é um grande exercício. Com os jacarés eu ainda não fiz. E eles precisam se mexer porque se não, com o tempo, eles podem necrosar alguma coisa, então, ele tem que se mexer pelo recinto. Aí tem que fazer pescaria, pra ele pular, se mexer. Mas como recinto não é propício pra esse tipo de enriquecimento, eu não faço. Teria que ser bastante cheio. Esse aqui eu faço pras araras-azuis, é o bambu. Mas às vezes ela fica com medo, mas ela pega a fruta. Têm animais que não tem jeito. A gente tenta não humanizar, mas acabam virando mascote. Não tem jeito psicologicamente, aí a gente tem que cuidar deles pra sempre. Ou até um órgão providenciar um lugar pra ele ficar.

Outro aspecto que contribui para um aumento da demanda das técnicas é o forte calor no período do verão amazônico. Em uma reportagem recente⁶, o médico veterinário Messias Costa afirmou que os animais que mais sofrem com as mudanças são as onças. Por isso, pude acompanhar os jatos de água gelada que Guma e Luakã recebem nos horários de pico do calor, por volta de meio dia até três da tarde.

“A gente se preocupa muito em manter a vegetação do local bem cuidada, para elas

6 <https://www.museu-goeldi.br/noticias/cuidados-de-verao-com-animais-e-plantas-no-zoobotanico-do-goeldi> - realizada em 18 jul. de 2018, último acesso 05 jan. de 2020.

terem um conforto térmico maior”, explica o veterinário. Ele lembra que todos os animais possuem uma dieta balanceada, com proteínas, carboidratos, vitaminas e sais minerais. Porém, em época de calor intenso, é necessário complementar essa dieta com frutas ricas em líquidos, como melancia, abacaxi, melão, além de muita água gelada.

Para os macacos coatá-da-testa-branca (*Ateles marginatus*) foram construídos tambores perfurados, contendo frutas, que, ao serem pendurados em seu ambiente, geram uma divertida “competição” no grupo para a retirada desses prêmios cobiçados, ou com picolés naturais sem conservantes. No caso das ariranhas, Pupunha e Castanha, recebem peixes cobertos de gelo, pois, como a tratadora Elizete contou anteriormente, os animais têm o metabolismo acelerado, por isso eles são mais propensos a hipertermia, ou seja, sentem calor com mais facilidade.

No verão, os animais costumam passar mais tempo se refrescando nos lagos do viveiro, por isso é importante mantê-los sempre limpos. “Outro aspecto interessante é que esses animais que são muito dependentes da refrigeração e da água. Precisam umedecer as suas córneas constantemente. Por isso, eles sempre estão mergulhando”, pontua o profissional.

Apesar do aumento do calor e dos cuidados especiais que devem ser tomados, o local possui uma temperatura ambiente cerca de 2 graus mais baixa que a cidade de Belém, devido à intensa vegetação e à irradiação térmica que ocorre no asfalto urbano, segundo Messias. “Isso favorece muito não só os animais, mas também quem trabalha aqui. Esse conforto térmico que nós temos aqui dentro é essencial”, finaliza o veterinário.

Guma e sua conduta masturbatória

Messias Costa conta no Blog *O vírus da Arte*⁷ o caso da onça-pintada Guma⁸, que chegou ao Museu jovem vindo de apreensão por parte do IBAMA, pois fora criada em uma casa na cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá. O animal era exibido em uma gaiola pelas ruas da cidade. Na época, o animal já estava com quatro anos, sendo, portanto, um adulto.

Segundo Messias⁹, “antes de chegar ao Museu Goeldi, o Guma, desde os dois meses de idade era tido como bicho de estimação, razão pela qual acumulou uma série

7 <https://virusdaarte.net/onca-guma-e-conduta-masturbatoria/>

8 A onça-pintada Guma faleceu aos 19 anos na terça-feira dia 7 de Abril de 2020. O felino era idoso e se recuperava de uma cirurgia em que lhe foi retirado o baço esquerdo havia poucos meses.

9 <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/museu-goeldi-se-despede-da-onca-pintada-guma>

de problemas comportamentais que culminaram em sua total humanização”. Entre os problemas decorrentes de sua criação estavam o “hipersexualismo, não gasto das unhas e vocalização alterada”, explica o profissional.

Guma foi mantido sozinho em seu recinto enriquecido com tanque, troncos de árvores, vegetação e toca, buscando-se o bem-estar animal. No entanto, Messias (2015) notou, junto aos tratadores, algo incomum no comportamento animal:

Já no primeiro dia de Guma em cativeiro, a equipe de ajuda presenciou uma cena incomum. O animal masturbava-se sem parar, ação que virou rotina em sua vida, quase sempre estimulada pela presença dos tratadores, quando esses se aproximavam do recinto para manejo, limpeza, alimentação, etc. O comportamento estereotipado do felino também era feito na presença do público, à distância, embora nem sempre percebido.

Os profissionais observaram a situação e, percebendo o comportamento, buscaram identificar as motivações relacionadas. Após observações constantes notaram que o estímulo era maior com a presença masculina. Na tentativa de minimizar o problema, realizou-se enriquecimento ambiental, que consistia na introdução de aromas, pelos e pedaços de alimentos escondidos e pendurados nas árvores, de modo a fazê-lo gastar energia, ao buscar ações diferentes da obsessão por masturbar-se.

As ações empregadas na ajuda a Guma surtiram efeito por pouco tempo. A medida seguinte foi utilizar o método de recompensa e punição, que consistia em utilizar uma forte buzina quando ela ameaçasse se masturbar, e recompensá-la quando não o fizesse. O interessante nessa técnica comportamental é estabelecer o momento certo da recompensa ou punição, porque, na cabeça do animal, pode ocorrer que deva agir negativamente para ser punido e depois recompensado. Os resultados foram importantes, mas depois de alguns meses o problema voltou. Também é interessante notar como esses animais identificam e sentem as pessoas, mesmo que não interajam com elas no dia a dia.

Além do comportamento alterado descrito acima por Messias no blog, Guma miava como gato e não sabia gastar as unhas nos troncos do recinto, parede ou pelo chão. O crescimento de suas unhas terminava por ferir suas patas e, para o manejo adequado, era necessário anestesiá-lo para cortá-las. O manejo era feito com uso de uma zarabatana

utilizada por Messias. Mesmo diante da agressividade do animal ao ver o instrumento, o momento era visto como ideal para a equipe técnica aparar suas unhas, avaliar seus dentes e realizar coleta de sangue para acompanhar seu estado de saúde.

As observações dos profissionais são fundamentais para saber se os animais levam uma boa vida mental, desenvolvendo suas habilidades e necessidades como caçar, voar, reproduzir e alimentar-se. A vida cativa, bem como os maus tratos em relação aos animais, ocasionam sofrimento e estresse para os mesmos, expressos em hábitos e movimentos repetitivos.

Notas sobre o bem-estar animal no zoo

O bem-estar não é algo que tu podes proporcionar, é um estado natural do animal. Ele precisa ter acesso à comida, acesso à água, poder manifestar o comportamento natural da espécie, isento de frio, isento de medo. Então, o bem-estar animal em cativeiro contempla essas bases.

Médica veterinária Lorena

A vida emocional dos animais tem atraído cada vez mais a atenção, exercendo um fascínio sobre os humanos pelos seus segredos. O compartilhamento das vidas animais e humanas está permeado por emoções, e “[a]s emoções são o que nos mantêm juntos. Elas catalisam e regulam as interações sociais nos animais e seres humanos”, nos diz o livro do etólogo cognitivista Marc Bekoff, intitulado *A vida emocional dos animais* (2010).

Os animais expressam suas emoções de muitas maneiras visíveis para humanos, o que não significa que identificar emoções seja entender os comportamentos sociais do animal (Bekoff 2010). Mas, para a difícil tarefa de compreender a vida emocional e moral dos animais e desvendar o modo como eles se comportam em relação à moral, ética e compreensão humana (Bekoff 2010: 52), é preciso atentar para a flexibilidade comportamental das espécies em diversas situações.

As emoções dos animais também ganharam forte atenção nos últimos anos, sobretudo pelos efeitos na vida cativa em animais de zoológicos e parques de conservação. Mas, afinal, o que é preciso para que um animal tenha uma boa vida mental? (E no zoo?). Historicamente, uma das primeiras estratégias para avaliar o bem-estar dos animais foram as Cinco Liberdades elaboradas pelo Comitê Brambell, em 1965, para tratar de animais de

produção (Froehlich 2015), na pecuária intensiva, e que permitem avaliar os aspectos físicos, mentais e naturais do bem-estar. Os cinco princípios remeteriam aos estados emocionais dos animais: 1. Livres de dor, lesão e enfermidades; 2. Livres de incômodos (estresse ambiental); 3. Livres de fome, sede e desnutrição; 4. Livre de medo e angústia (estresse mental); e 5. Livres para expressar seu comportamento natural.

Dessa forma a ciência do bem-estar animal emerge subjetivando os animais ao conferir consciência e senciência para os animais (Froehlich 2015). Segundo Bekoff (2010), senciência animal diz respeito à capacidade de sofrer, sentir prazer ou felicidade, ou seja, sentir, ser afetado, combinando os termos “sensibilidade” e “consciência”, o que apontaria para os modelos de intencionalidade e ação (agência) dos animais.

Temple Grandin e Catherine Johnson (2010), em seu famoso livro sobre bem-estar animal, colocam esta questão enfocando que os aspectos emocionais dos animais são fundamentais para o seu desenvolvimento, desde os aspectos mais básicos da vida como a reprodução das espécies. Grandin e Johnson afirmam que os zoológicos elaboraram um conjunto de critérios baseados no bom senso para julgar o bem-estar dos animais, sobretudo, a partir das práticas e observações dos tratadores e outros profissionais que trabalham diretamente com eles. As autoras resumem algumas questões (Grandin & Johnson 2010: 272):

- 1) O animal está agindo normalmente? (O animal tem comportamentos anormais, como estereotípias, agressões anormais ou automutilação?)
- 2) O animal se ocupa em coisas diferentes? (Ele tem um “repertório amplo de comportamento”?)
- 3) O animal é confiante? (Ele age livremente no cercado sem demonstrar medo?)
- 4) O animal tem um sono relaxado? (Ou tem um comportamento hipervigilante, sempre em guarda?).

Tais critérios são fundamentalmente baseados nas observações dos tratadores, que, a partir de sua ótica, estabelecem os critérios para determinar o comportamento “normal” do animal no zoo. Como pude destacar anteriormente, o estabelecimento desses padrões provêm da comparação do seu comportamento no zoo (a partir da sua adaptabilidade ao local, pois muitos animais provêm de apreensão, etc.) e seu comportamento em ambiente natural ou de origem. De modo que o bem-estar de um indivíduo está relacionado também as suas tentativas de adaptação com o ambiente em que se encontra (Broom 1986), além

de que se busca identificar os comportamentos repetitivos a partir do estresse animal (Grandin & Jonhson 2010), o principal parâmetro utilizado para avaliar o bem-estar animal, sobretudo por se constituir como uma resposta do animal ao ambiente e às adversidades sofridas durante o manejo. A partir daí é possível rastrear um conjunto de pistas que indiquem a saúde animal, como as fezes, restos de comida, comportamentos diferenciados, entre outros. O que inclui uma observação minuciosa diariamente.

Grandin e Johnson (2010: 273) também lembram que os zoológicos têm enfrentado esse desafio de propiciar uma ambiência o mais próxima possível das condições naturais do animal, e que isso fez com que se perdesse de vista que o fundamental não seria apenas “simular a natureza” para os visitantes, e sim cuidar dos aspectos emocionais que causam tédio, ou sofrimento, para cada animal confinado. Afinal, ainda que se simule a natureza no zoo, ela não tem “semelhança” com o mundo fora das grades ou do ambiente natural de distribuição geográfica da espécie.

Na natureza os animais passam a maior parte do tempo à procura dos seus próprios alimentos, evitando os seus predadores, procurando e disputando parceiros para acasalar; interagindo, portanto, imersos em ambientes dinâmicos e complexos. Já no cativeiro, os animais têm os seus alimentos fornecidos e são protegidos contra interações competitivas, além de estarem em um espaço físico reduzido e condições que nem sempre são as melhores do ponto de vista sanitário e ambiental.

Ao visar diminuir os efeitos negativos da vida cativa, a ascensão das chamadas técnicas de enriquecimento ambiental e alimentar objetivam tomar esse desafio da intervenção direta na vida animal atuando sobre o comportamento a partir de modificações no ambiente, da dieta alimentar, entre outros elementos. O enriquecimento ambiental consiste em uma série de medidas que modificam o ambiente físico ou social visando melhorar a qualidade de vida dos animais cativos e proporcionar condições para o desempenho de suas necessidades etológicas, bem como permitir a mensuração do bem-estar, considerando os efeitos do ambiente no crescimento e no desenvolvimento. O que contribuiria diretamente para a ascensão do bem-estar animal, fazendo parte da rotina de manejos conservacionistas do zoo.

Considerações finais

No Museu Paraense Emílio Goeldi, com efeito, a conservação da natureza no zoo diz respeito a uma política e visão técnico-científica da natureza e do mundo nas quais humanos, animais, conhecimentos, cuidados e técnicas estão todos imbricados. A

conservação atualmente trabalha baseada nos modelos de práticas *in situ* e *ex situ*, que estão unidos em um sistema de significados e símbolos acerca da natureza (Braverman 2011), de modo que o uso de estratégias de conservação fora do ambiente natural (*ex situ*) tem seu papel para alcançar o maior número de populações protegidas, em uma abordagem preventiva de manutenção da biodiversidade.

Mencionei ao longo deste artigo que, no zoo, o manejo com as espécies é constituído por um conjunto de cuidados, técnicas, termos e práticas conservacionistas no ambiente de cativeiro. As ações da Equipe da Fauna objetivam atuar diretamente sobre a vida animal de acordo com critérios, objetivos e interesses sempre em atualização, indicando o olhar humano sob a natureza na cidade.

Os cuidados diários exigem a atenção e atitudes éticas dos profissionais ao considerar as emoções e o bem-estar animal no zoo. Com isso, os profissionais que cuidam da fauna buscam estimular a diversidade comportamental dos animais, o que promoveria a conservação das espécies ali abrigadas. Também é preciso lembrar que o bem-estar é baseado na subjetivação dos animais e na instrumentalização de seus sentimentos, na medida em que se tornam variáveis a serem trabalhadas e manejadas pelos profissionais conforme objetivos específicos de conservação e promoção da qualidade de vida animal.

Todos esses cuidados são necessários para a manutenção desses animais em cativeiro, frente ao ambiente previsível e inapropriado. Os animais sem estímulos físicos e mentais, ou em condições que não permitam a expressão de comportamentos específicos, podem, então, apresentar condutas estereotipadas e repetitivas. O enriquecimento ambiental busca condições adequadas de vida e cuidados para uma espécie, diminuindo as respostas de estresse relacionadas ao cativeiro.

Por fim, a conservação e o bem-estar animal são realizados enquanto ações práticas e exigem um manejo minucioso diariamente. Para isso, os tratadores trabalham de uma maneira intensa, cuidadosa e responsiva em relação aos animais, o que envolve um engajamento com suas percepções, quanto àquilo que afeta a vida e o bem-estar das espécies.

Referências

BEKOFF, Marc. 2010. *A vida emocional dos animais: alegria, tristeza e empatia nos animais: um estudo científico capaz de transformar a maneira como os vemos e tratamos*. São Paulo: Editora Cultrix.

- BRAVERMAN, Irus. 2011. "Conservation without nature: the trouble with in situ versus ex situ conservation". *Geoforum*, 51: 47-57.
- BROOM, Donald. 1986. "Indicators of poor welfare". *British Veterinary Journal*, 142(6): 524-526.
- FROEHLICH, Graciela. 2015. "Entre Índices e Sentimentos: Notas Sobre A Ciência do Bem-estar Animal". *Revista Florestan*, 4: 73-83.
- GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. 2010. *O bem-estar dos animais: proposta de uma vida melhor para todos os bichos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- HARAWAY, Donna. 2008. *When species meet*. Minneapolis & London: University of Minnesota Press.
- LAW, John. 2010. "Care and killing: Tensions in veterinary practice". In: MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette (Org.). *Care in practice: On tinkering in clinics, homes and farms*. Bielefeld: Transcript Verlag. pp. 57-72.
- MULLAN, Bob; MARVIN, Garry. 1998. *Zoo Culture*. Urbana & Chicago: University of Illinois Press.
- PEREIRA DA SILVA, Matheus. 2020. *Performando naturezas. Relações com animais em um zoológico na Amazônia*. Dissertação de Mestrado. PPGSA, Universidade Federal do Pará.
- PUIG DE LA BELLACASA, Maria. 2010. "Ethical doings in Naturecultures". *Ethics, Place and Environment*, 13 (2): 151-69.
- _____. 2012. "Nothing comes without its world: thinking with care". *The Sociological Review*, 60 (2): 197-216.
- SHEPHERDSON, David. 1998. "Tracing the path of environmental enrichment in zoos". In: SHEPHERDSON, David; MELLEEN, Jill; HUTCHINS, Michael (eds), *Second Nature: environmental enrichment for captive animals*. Washington DC: Smithsonian Institution Press. pp. 1-12.
- VAN DOOREN, Thom. 2015. "A Day with crows: rarity, nativity and the violent-care of conservation". *Animal Studies Journal*, 4 (2): 1-28.

Recebido em 06 de novembro de 2018.

Aprovado em 12 de Junho de 2020.